ZH ZERO HORA

Publicado em 03/06/2022 - 05:54

Puxado pelo setor de serviços, PIB cresce 1% no primeiro trimestre

PIB cresce 1% no 1º trimestre com o avanço dos serviços

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil cresceu 1% no primeiro trimestre de 2022, na comparação com os três meses anteriores, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com isso, o PIB está 1,6% acima do patamar pré-pandemia, observado no quatro trimestre de 2019, mas ainda 1,7% abaixo do ponto mais alto da atividade econômica do país, registrado no primeiro trimestre de 2014. O PIB é a soma dos bens e serviços produzidos no Brasil e chegou a R$ 2,249 trilhões em valores correntes.

Como já era indicado pelas pesquisas mensais dos setores, o destaque no PIB do primeiro trimestre ficou por conta dos serviços, com alta de 1%. Dentro desse segmento, o consumo das famílias teve participação importante, segundo o IBGE.

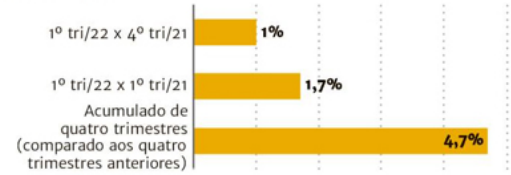
– Dentro dos serviços, o maior crescimento foi de outros serviços, que tiveram alta de 2,2% no trimestre e comportam muitas atividades dos serviços prestados às famílias, como alojamento e alimentação. Muitas dessas atividades são presenciais e tiveram demanda reprimida durante a pandemia – explica a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

Já a agropecuária recuou 0,9% no primeiro trimestre, impactada principalmente pela estiagem no sul do país, que causou a diminuição na estimativa da produção de soja, a maior cultura da lavoura brasileira, segundo o IBGE. A indústria apresentou estabilidade.

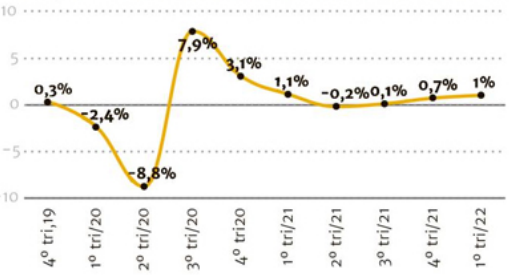
Os números

PIB é a soma dos bens e serviços produzidos no país. No primeiro trimestre de 2022, o PIB brasileiro avançou puxado pelos serviços

COMPARAÇÕES

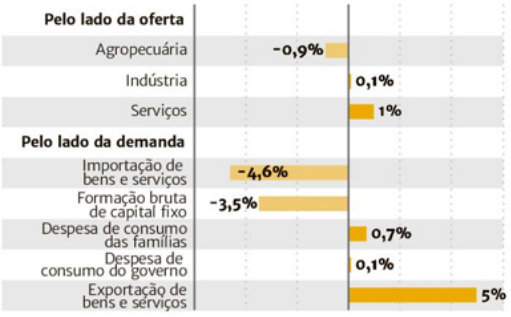


VARIAÇÃO FRENTE AO TRIMESTRE IMEDIATAMENTE ANTERIOR



POR SETORES NO PRIMEIRO TRIMESTRE (EM RELAÇÃO AO TRIMESTRE ANTERIOR)

Com alta no consumo das famílias, segmento de serviços teve destaque



Fonte: IBGE

Investimentos

Pelo lado da demanda, o consumo das famílias cresceu 0,7% no primeiro trimestre, enquanto o do governo ficou estável (0,1%). Rebeca destaca que esse movimento ocorre diante do avanço no apetite por atividades presenciais, que estavam represadas após o pior momento da pandemia:

– No consumo das famílias, a demanda também está relacionada aos serviços que são principalmente feitos de forma presencial, como as atividades ligadas a viagens.

Já no âmbito dos investimentos, a formação bruta de capital fixo caiu 3,5%. Esse indicador aponta o quanto as empresas investiram em bens para aplicar na produção, medindo a mobilização dos setores para investir ou não.

– Essa queda foi impactada pela diminuição na produção e importação de bens de capital, apesar de a construção ter crescido no período – explica Rebeca.

No primeiro trimestre, a taxa de investimento foi de 18,7% do PIB, abaixo do volume registrado no mesmo período do ano passado, de 19,7%. No aspecto externo, as exportações de bens e serviços cresceram 5%. Já as importações caíram 4,6% em relação ao quarto trimestre de 2021.

A Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Economia destacou que a economia brasileira segue em processo de recuperação, mesmo em cenário com impactos do conflito na Ucrânia e efeitos remanescentes da pandemia. Em nota, também observou que o crescimento de longo prazo depende "fundamentalmente da consolidação fiscal" (redução da relação entre dívida e PIB) e de agenda de reformas pró-mercado, com "abertura econômica, privatizações e concessões, melhora dos marcos legais e aumento da segurança jurídica, melhor ambiente de negócios e redução da burocracia, correção da má alocação de recursos e facilitação da realocação de capital e trabalho na economia".

Futuro

Para os próximos meses, segundo especialistas, a tendência é de desaceleração da economia do país. Inflação persistente e efeitos da alta do juro básico para conter os preços são alguns dos ingredientes principais dentro dessa projeção de perda de ritmo.

O professor Fernando Ferrari Filho, titular do curso de pós-graduação em Economia da UFRGS, afirma que, além de inflação e juros elevados, o desemprego, que continua alto mesmo com redução na taxa, também influencia em crescimento menor. Também cita o desempenho dos investimentos como outro termômetro que aponta para o arrefecimento da economia.

A economista-chefe para América Latina da seguradora de crédito francesa Coface, Patricia Krause, cita que o combo de inflação persistente e Selic elevada é o principal motivo da perda de ritmo da economia do país nos próximos meses. E lembra que boa parte dos efeitos da alta no juro básico ainda estão por vir.

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS Marcelo Portugal avalia que a tirada de pé do acelerador no PIB não será tão brusca:

– Claro que vai existir uma desaceleração nos próximos trimestres, mas não muito acentuada. O juro real ainda está baixo, tem o Auxílio Brasil, o desemprego está diminuindo e as exportações, que ajudaram no primeiro trimestre, podem continuar auxiliando.

Portugal destaca que a inflação tem menos impacto no orçamento das pessoas de classes econômicas mais altas, mas reforça que o avanço do emprego e o Auxílio Brasil também estimulam o consumo de famílias com renda menor.

GZH
Mais notícias de economia em gzh.rs/gzheconomia

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Economia Brasileira **Pagina:** 12

Copyright © Clipclap 2025.